



## Fiquei afásica

O cérebro de uma pessoa afásica trabalha de forma diferente de uma pessoa não afásica, o que afeta, na maioria das vezes, o uso linguístico.

### AUTORA

Lou-Ann Kleppa

Professora de Linguística na Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e possui mestrado e doutorado na Unicamp, onde acompanhou as atividades do Centro de Convivência de Afásicos (CCA).



Entre em contato:  
[loukleppa@yahoo.com](mailto:loukleppa@yahoo.com)

*Perdi as palavras de um dia  
 pro outro  
 Não uso mais “enfim”, “sabe?”  
 Entendo o que me dizem, mas  
 se tento falar  
 Só sai TISSA TISSA TISSA TÁ  
 Fiquei afásica  
 Perdi o controle da escolha  
 Só me resta o gesto  
 Não uso mais “obrigado”, “até”  
 O som que sai não é sequer uma palavra  
 dessa língua  
 Só sai TISSA TISSA TISSA TÁ  
 Fiquei afásica  
 Depois do AVC  
 minha vida para/pa-ra-li-sou  
 Sou paciente, passiva, sujeito sem ação  
 Quero voltar pra mim  
 inventar nova comunicação  
 Por enquanto só sai TISSA TISSA TISSA TÁ  
 Fiquei afásica*

Você já tentou passar um dia inteiro sem dizer qualquer palavra? A não ser que você esteja socialmente isolado ou tenha feito voto de silêncio, se você conseguir desenvolver suas atividades rotineiras sem dizer uma palavra ao longo de 24h, então isso foi uma opção e provavelmente não uma imposição.

Agora imagine uma pessoa que, da noite pro dia, não seja mais capaz de usar as palavras da sua língua materna.

Para preservar a identidade da pessoa afásica, chamaremos de Liliane uma moça que, aos 33 anos de idade, sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC, popularmente conhecido como derrame). Este episódio neurológico fez com que um pedacinho do hemisfério esquerdo do cérebro de Liliane parasse de receber fluxo de sangue. E isto deixou duas sequelas marcantes nela: os membros do lado direito do corpo perderam força e mobilidade e a linguagem dela foi afetada.

A perna direita arrastava na caminhada e a mão direita não segurava mais objetos (escrever com caneta ou lápis deixou de ser possível), mas isso não a impedia de digitar no celular. Perceba que Liliane conseguiu se adaptar a uma limitação do seu corpo digitando no celular com a mão esquerda.

A princípio, sua linguagem falada se reduzia a um automatismo: espontaneamente (quando não lia ou repetia palavras), ela só produzia TISSA (TÁ). Chegaram até a chamá-la de Ticiane, tão característico tinha virado o TISSA dela. “Oi, tudo bem?” “TISSA.” “Aceita mais uma fatia de bolo?” “TISSA”. Liliane procurou tratamento fonoaudiológico e entendeu que sua dificuldade não era mecânica: era a linguagem dela que estava afetada.

**Vamos dar um salto para o lado para entender o que está na nossa frente: uma pessoa surda também pode ficar afásica. Surdos que sinalizam LIBRAS e tiveram uma lesão cerebral passam a ter dificuldades para sinalizar linguagem.**

Gestos como descascar frutas, cortar alimentos ou desenhar algo podem estar preservados. O problema não é articulatorio (localizado na boca ou na mão), mas afeta as funções da linguagem no cérebro.

Liliane procurou um grupo de extensão universitária e foi acolhida num grupo interdisciplinar em que atuavam fonoterapeutas, terapeutas ocupacionais e linguistas. Lá ela conheceu pessoas com os mais diversos tipos de afasias e seus acompanhantes. Ali no grupo, ela entendeu que a afasia é uma decorrência de lesão cerebral.

E como cada pessoa tem um cérebro diferente dos outros e uma história própria na linguagem, ela entendeu que cada afásico era um afásico.

Ela só dizia TISSA, que não é uma palavra do português. O outro ali falava num tempo e ritmo normal, mas tudo que ele dizia parecia outra língua. Ele era tranquilo e falava pelos cotovelos. A esposa dele é que procurava respostas no grupo porque não sabia como lidar com o marido que parecia falar uma língua própria. O outro sujeito lá falava tudo normal, menos os nomes das pessoas e das coisas. Ele dizia o nome dele e do Roberto Carlos, mas nem adiantava dizer nome nenhum pra ele, porque ele não usava. A Dilma era “a mulher que manda”, o poço era “lá onde pega a água”. Não adiantava nem escrever DILMA ou POÇO, não adiantava repetir ou silabar: ele seguia descrevendo tudo. Liliane foi entendendo aos poucos o que tinha lhe acontecido quando se comparava aos outros do grupo.

A coordenadora do grupo era linguista e conhecia casos como o dela. Quando a coordenadora dava a primeira sílaba de uma palavra pra Liliane, ela completava a palavra com dificuldade: “cer-?”... “TO”. Pra Liliane, foi importante perceber que ela era capaz de dizer outras coisas além de TISSA. Ela só precisava das primeiras sílabas emprestadas.

Como Liliane escrevia no celular, em 2013 foi desenvolvido um aplicativo chamado *Diálogo* que vertia o que ela escrevia no celular em som. Os efeitos terapêuticos do aplicativo estão descritos num estudo conduzido durante 6 meses por Bianca Pimentel, Elenir Fedosse e Claudio Cechella publicado em 2020 (referência abaixo).

Com o hábito de ouvir o sintetizador de voz, Liliane passou a evitar abreviar sua escrita, já que o sintetizador lia “vc” não como “você”, mas como as duas consoantes, <v> e <c>. Liliane teve que se adaptar às limitações da inteligência artificial por trás do aplicativo.

Com o estímulo auditivo produzido pelo aplicativo, Liliane conseguiu inibir gradativamente o automatismo (TISSA). Ela digitava, o sintetizador falava e ela acompanhava. Aos poucos, Liliane foi voltando a ser autora da sua fala. O processo terapêutico infelizmente foi interrompido abruptamente com a morte da Liliane por complicações cardiovasculares. Afasia era apenas um dos seus problemas de saúde.

Existem poucos grupos de afásicos gratuitos coordenados por linguistas em universidades no Brasil (temos notícia da UFSM que conta com o GIC – Grupo Interdisciplinar de Convivência, de que Liliane participou, da UNICAMP que conta com o CCA – Centro de Convivência de Afásicos e da UESB que conta com o ECOA – Espaço de Convivência entre Afásicos e Não Afásicos).

Há casos de pessoas com afasia que acompanham um grupo como esses por 10 anos, por exemplo. Voltar não só para a linguagem, mas para as atividades languageiras e se sentir aceito na sociedade novamente demanda tempo e paciência. Acompanhar pessoas com afasia é acompanhar pessoas com diferentes históricos e soluções de adaptação à condição afásica.

## Referências

PIMENTEL, Bianca Nunes; FEDOSSE, Elenir; CECHELLA, Claudio. Eficácia de um aplicativo virtual na terapia para afasia motora. *Research, Society and Development* n. 9, vol. 7, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3877>

Agradeço aos pareceristas pelas sugestões e intervenções no texto. Uma versão anterior desse texto foi publicada no blog Leia Ciência, resultado de um curso de popularização da ciência promovido pela UFABC. Disponível em: <https://leiacienciadc.blogspot.com/2022/08/fiquei-afasica.html>

### COMO CITAR

KLEPPA, L. **Fiquei afásica**. Revista Roseta, v. 5. n. 2, 2022. Abralín, 2023. Disponível em: <https://www.roseta.org.br/2022/09/28/fiquei-afasica/>. Acesso em: dia. mês. ano.